

Entrevistas realizadas em 14.09.1995, com a família Paraíso

#### Observações

---

- 1) As notas de rodapé foram acrescentadas pela tradutora e têm como fonte a Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, de Ney Lopes (São Paulo: Selo Negro, 2004);
- 2) O primeiro trecho do manuscrito contém entrevista com vários membros da família Paraíso, entre os quais Papa Omar Paraíso, François Paraíso, Monsourou Paraíso, Epiphania Paraíso, Mouphtaou Paraíso, Gianath Paraíso, Frack Paraíso, Sadissou Paraíso, Marouph Paraíso, Florentine Paraíso, sendo raramente possível determinar a identidade daqueles que falam.
- 3) O segundo trecho do manuscrito contém entrevista com a senhora
- 4) No final do manuscrito estão anexados:
  - Duas páginas de um documento de “Autorização de Detenção”, em papel timbrado da Colônia do Daomé - Governo Geral da África Ocidental Francesa, datado de 10 de outubro de 1932, onde o tenente governador do Daomé, Jean Jarton, que subscreve o documento, autoriza o Sr. Ignácio Paraíso - profissão negociante e plantador, residente em Porto Novo – a deter um “fuzil de tráfico” por ele demandado, visto a decisão formulada pelo administrador comandante do círculo de Porto Novo, em 4 de outubro de 1932;
  - Uma foto preto e branco 3x4 da Sra. Epiphania, datada de 1964;
  - Uma foto colorida onde um grupo de mulheres negras dança com um homem branco em meio ao público, em cujo verso está anotado “1993 – Praça Bayol Porto Novo/Yovo amigo de Karin da Silva/à direita da foto: Epiphania”
- 5) Uma lista manuscrita com os seguintes nomes, identificados como filhos do Sr. Omar Paraíso (e seus respectivos endereços):

Sr. Richard Paraíso  
16 Residence Du Parc  
93120 – La Courneuve (France)

Sr. Armando Paraíso  
31 Rue Turgot  
93720 – La Courneuve (France)  
Tel: 48 37 32 35

Sr. Desiré Paraíso  
15 Rue Victor Renelle  
93240 – Stains (France)  
Tel: 48 29 58 02

Sr. Onard Paraíso  
9 Rue Danielle Casanord  
93300 – Aubervilliers

Família Paraíso, 1995

---

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

MILTON GURAN - Bom, hoje é quarta-feira, 14 de setembro de 1995. Estamos na casa de (...). Sim?

[Entrevistado(a)] = [E] - Antes de começar.

MG - Não, eu tenho um plano.

[E] - Depois da intervenção do senhor François Paraíso a propósito de nosso amigo, eu posso dizer, porque sou seu filho, mas eu me considero também enquanto amigo do Pierre ???. Então é isso. Temos diante de nós Papa Omar Paraíso e a seu lado, o senhor François Paraíso e eu passo o ???<sup>1</sup>. Vocês podem dizer o nome de vocês.

MONSOUROU PARAÍSO - Monsourou Paraíso, nascido Inácio.

EPIPHANIA PARAÍSO - Epiphania Paraíso.

MOUPHTAOU PARAÍSO - Mouphtaou Paraíso.

GIANATH PARAÍSO - Gianath Paraíso.

FRANCK PARAÍSO - Franck Paraíso.

SADISSOU PARAÍSO - Sadissou Paraíso.

MARROUPH PARAÍSO - Marrouph Paraíso.

FLORENTINE PARAÍSO - Florentine Paraíso.

MG - Bom, o conselho de família da família Paraíso se reúne todo os segundos sábados do mês. Eu pergunto a vocês, tem algumas famílias brasileiras, não brasileiras, que têm um estatuto regulamentar interno. A família Paraíso tem esse documento também?

---

[Entrevistado=E] - Não tem nada escrito, é, sobretudo, uma decisão do chefe de família que está à minha esquerda, para que a gente possa estar todos juntos entre descendentes de um mesmo antepassado, que a gente se encontre todos os segundos sábados do mês.

MG - Vocês fazem também uma festa no Natal que reúne todos os membros da família Paraíso?

[E] - Sim, sim.

MG - É que dia?

[E] - É em janeiro, antes do Bonfim. Previmos uma festa para os cinquenta anos da morte do “grande pai”, quer dizer, Ignacio???<sup>2</sup> Paraíso. Ele morreu em outubro de 1939. Dia 5 de outubro. Então, a partir de agora, essa é a data que escolhemos para os eventos.

MG - Sim, é muito significativo. Vocês sabem aproximadamente quantos membros têm a família Paraíso? Aproximadamente? Exatamente é difícil.

[E] - É uma família vasta. Não podemos dizer o número exato. Mas é uma família que pode englobar a metade de Porto Novo. É verdade.

MG - U-la-la! Com as relações!

[E] - No entanto, isso são os descendentes dos homens que portam o nome, e depois, os descendentes da mulher e assim por diante. Eu acho que atingimos largamente a metade da cidade de Porto Novo. Ultrapassamos os cem mil, senão um terço.

MG - Vocês já escreveram um pedaço dessa história, não? Por exemplo, o nome de todo o mundo.

[E] - Nós sabemos, podemos, aquele que voltou do Brasil tem dois filhos dos quais somos oriundos, que são Ignacio Souleimam Paraíso e que teve cento e trinta e cinco filhos registrados.

MG - Cento e trinta e cinco!

[E] - Sim, cento e trinta e cinco filhos vivos, registrados, sem falar dos mortos, não é. São aqueles que ele registrou que são cento e trinta e cinco. E, justamente, precisaria que pudéssemos ter os nomes desses cento e trinta e cinco e fazer uma árvore genealógica. Tal e tal criança, e assim por diante. É isso. Os cento e trinta e cinco precisaria agora reconstituir.

MG - Sim, vamos fazer um esforço. Porque isso é realmente muito importante.

[E] - Podemos pegar.

MG - Sim, o registro. Mesmo se não podemos ter todos os nomes, podemos ter os ramos [familiares] com mais visibilidade.

[E] - E o senhor verá.

MG - Sim, vamos ver isso. Eu estou realmente impressionado com o número de descendentes.

[E] - Esse é um número verdadeiro, cento e trinta e cinco, que foram registrados porque nascidos vivos.

MG - Existem também [pessoas da família] Paraíso [que são] fom<sup>3</sup> que vivem fora da cidade de Porto Novo?

[E] - Tem no Congo, em Camarões, na França, mesmo na América. Todos esses aí são da mesma família. No Senegal...????<sup>4</sup>

MG - Vai ser difícil fazer toda a descendência dos Paraíso.

[E] - Eles são realmente numerosos.

MG - Tem algumas famílias brasileiras que têm membros muçulmanos e membros católicos. É assim entre os Paraíso.

[E] - Sim, entre os Paraíso os cristãos são em número bem limitado??<sup>5</sup> Na França, onde o pai é adjunto do prefeito de ??<sup>6</sup> Ele morreu comandante de reserva das forças armadas francesas, e seu filho é aposentado intendente almirante. Ele se chama Michel Paraíso.

MG - Michel Paraíso. Então, voltando aos cristãos, entre os Paraíso eles são minoritários.

[E] - Muito minoritários, mas aqueles que estão por aqui conservaram o que chamamos um rito: mesmo fazendo batizar seus filhos entre os cristãos, eles fazem aquilo que chamamos de *relevailles*<sup>7</sup>, o oitavo dia, para dar um nome muçulmano, em lembrança dos ancestrais.

MG - Ah, é muito interessante!

François Xavier: Eu, sou François Xavier Marie, me batizaram no terceiro dia. Mas, no oitavo dia, me apresentaram aos meus tios e tias e eu me chamo Moussiliou Dine.

MG - E do lado muçulmano, as pessoas têm um nome muçulmano também?

---

<sup>3</sup> Fom, fon ou fongbé é uma subdivisão do povo Ewe, ditos “Ewes orientais”, que habitam no Benim, onde, na fronteira com a Nigéria se misturam aos iorubás.

<sup>4</sup> Pontos de interrogação no manuscrito.

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> “Relevailles” não é uma palavra francesa, mas aqui parece derivar de “relever”, que pode significar “elevantar, exaltar, dar destaque, pôr em relevo” – no caso, exaltar o antepassado muçulmano.

[E] - Sim. Todos nós temos um sobrenome em lembrança daquele que veio do Brasil. Mas temos o nome muçulmano. Tem aqueles que ficam com o nome cristão e nem sabemos que são muçulmanos. Temos um El Hadj Joseph.

MG - Eu pergunto a vocês como são as relações entre os brasileiros muçulmanos e os brasileiros cristãos. Mas acho que a comunidade está unida, não é?

[E] - As duas se entendem muito. Quando tem cerimônias de um lado ou do outro.

MG - O (a) senhor (a) falou da cerimônia do Bonfim. Do lado muçulmano também?

[E] - O último domingo do mês de janeiro

MG - O mês de janeiro, eu tive a oportunidade de discutir com o senhor Da Silva, é um primo de vocês.

[E] - A mãe dele é irmã do nosso pai.

MG - Ele me disse que pensava em festejar o Bonfim, mas alguém morreu então ele adiou. Ele fazia a festa do Bonfim. Eu pergunto a vocês, tem casamentos... Como é que eram os casamentos entre os Paraíso? Eles se casam de preferência com mulheres que são oriundas de famílias brasileiras ou pouco importa?

[E] - Antes, entre as famílias brasileiras, mas agora democratizamos.

MG - (a) senhor (a) quer acrescentar alguma coisa?

[E] - É o que eu queria dizer, nós nos casamos, mesmo que seja com outras camadas.

MG - No que concerne às confissões religiosas, isso funciona também? Oito dias depois, oito dias antes?

[E] - Sim. Por exemplo, meu pai se chama Georges, seu nome cristão. Seu nome muçulmano é Waïdi. Não existe nada entre o Paraíso cristão e o Paraíso muçulmano, tudo vai muito bem. Se há alguma coisa, eu posso ir ver o primo: “- Tem isso e isso, hein?”. Ele pode ter suas ideias e eu vou ver o chefe da família, nos entendemos bem. Se ele, ele diz: “- Precisa adiar”. Bom, nós aceitamos, é porque tem alguma coisa grave. Sempre que... dizer que existe algum mal entendido entre nós, não tem.

MG - Sim, é o espírito da tolerância que marca bem a cultura brasileira. O Brasil é um país possível. Se ele é possível, é por causa desse espírito de tolerância. Se eu entendi direito, as relações são estreitas entre os brasileiros muçulmanos e os brasileiros não muçulmanos.

[E] - No Benim.

MG - No Benim, falamos de ???<sup>8</sup> do Benim.

---

<sup>8</sup> Pontos de interrogação no manuscrito.

[E] - Antigo Daomé.

MG - Antigo Daomé. E, sobretudo, das relações entre os retornados brasileiros lá em Porto Novo. E as relações com as outras famílias brasileiras, são sem nenhuma diferença [se] são muçulmanos.

[E] - Todos aqueles que são brasileiros se dizem primos ou bem tios.

MG - Os...bom, eu pensava em perguntar a vocês, pois vocês festejam também o Bonfim, se existem festas brasileira<sup>9</sup> que são específicas para os muçulmanos.

[E] - Têm festas católicas, têm festas brasileiras e, depois, tem o São João.

MG - Ah! O São João também!

[E] - Sim, comemos milho.

MG - Ah, isso eu perdi esse ano.

[E] - É nas famílias. E depois, o grande ???<sup>10</sup>

MG - Aí está. Muito bem.

[E] - Sexta feira santa???<sup>11</sup> É o prato do dia, em lembrança, e quando tem uma grande festa, fazemos como o senhor chama aí, a canjica, o prato onde tem tudo, feijoada. Porque na feijoada colocamos um pouco de tudo.

[E] - Banana, quiabo, um pouco de tudo.

MG - É realmente legal que a cultura passe na maneira de ser, de comer, a maneira de falar. Eu fiquei surpreso, um jovem rapaz Souza me disse: “Bom dia, como passou?”. Vocês também empregam isso que ele disse?

[E] - Sim, sim.

MG - Quando você era criança, senhor Omar Paraíso, o senhor ouvia falar brasileiro?

Omar - Sim, nossos pais falavam brasileiro???<sup>12</sup> Somos nós que, que pareceríamos francófonos.

MG - Mas o senhor sabe que até a chegada dos franceses, todo o mundo falava brasileiro.

[E] - São os franceses que colocaram a lei deles. Porque os brasileiros estão em todo lugar.

---

<sup>9</sup> “Saint Jean”.

<sup>10</sup> Pontos de interrogação no manuscrito.

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> Pontos de interrogação no manuscrito.

MG - Bom, eu percebi que tem a associação dos retornados brasileiros aí. E, a propósito disso, eu discuti com o senhor Karin Urbain, que me explicou suas funções de ???<sup>13</sup> Mas eu queria saber, o senhor tem uma relação com essa associação? Como se passa isso na associação?

[E] - Não é ainda fiável. É preciso perguntar ao senhor Karin. Taí o que se passa em Porto Novo, os *créoles*<sup>14</sup> muçulmanos constituíram uma associação, uma comunidade de *créoles*, que tem seu lugar nas grandes mesquitas em Porto Novo. À [?]<sup>15</sup> das outras comunidades do país, iorubá, gom, e, depois, os muçulmanos tem também seu lugar na grande mesquita.

MG - Comunidades brasileiras?

[E] - Isso, comunidades afro-brasileiras. São os muçulmanos que constituíram uma comunidade e foi o Karin, aliás, que foi quem elegemos como responsável por essa comunidade.

MG - Isso é no caso da mesquita. Mas a associação dos retornados é outra coisa que se ocupa de outros negócios aí. Aliás, esse ano eu fiquei surpreso de ver que tinha duas associações de brasileiros. Tem uma associação de brasileiros católicos e uma associação de brasileiros muçulmanos. E, bom, do lado católico, o padre lá da catedral me disse: “Ah, os católicos foram obrigados a fazer uma associação para eles porque com os muçulmanos não funciona”. E eu, eu disse: “Ah, não é assim, porque entre os brasileiros, para fazer a festa, sempre funciona”. Como é que não vai funcionar? Perguntei a outros para saber o porquê dessa discussão. Na opinião de vocês, por que há essa divisão das festas, do Bonfim e tudo isso?

[E]: Na família Paraíso, não estamos divididos. Então, é fora da família.

MG - De um modo geral são questões que eu queria colocar para vocês, para iniciar a discussão. Eu não sei por que ???<sup>16</sup> continuar nossa conversa. Como eu disse a vocês, estou aqui mais para escutar do que para falar.

[E] - Depende do que o senhor quer.

[E] - O senhor coloca as questões e nós, tai, nós tentamos responder.

MG - Eu tenho questões para colocar. Uma questão: a cultura brasileira ela passa de pai para filho, não é? Mas ela passa de pai para filho de uma maneira diferente. Por exemplo, Papa Omar ouviu [seus pais falando] o brasileiro, o jovem de hoje [não ouve

---

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> “Créoles”: termo francês que designava, no início da colonização do Novo Continente, com exclusividade, os filhos de europeus nascidos nas Américas. Depois a denominação se estendeu aos descendentes dos escravos africanos, e por fim, aos descendentes de imigrantes de todas as origens que adotaram a cultura *créole*.

<sup>15</sup> Caligrafia incompreensível.

<sup>16</sup> Pontos de interrogação no manuscrito.

mais a língua d] os brasileiros, então, a cultura, ela não passa mais pela língua. Mas ela passa ainda pelos pratos, pela feijoada, o cozido.

[E] - E também pelos pais, pela educação.

MG - Dizem que quando se entra em uma casa brasileira sabemos imediatamente que é uma casa brasileira. Porque ela é organizada, limpa, etc. Quando o (a) senhor (a) diz que isso passa pela educação, quer dizer o que exatamente?

[E] - A educação é uma forma de respeito ao mais velho, de pai para filho, e, também, o modo de se comportar, seja na mesa, seja na vida. E o modo de evitar os pequenos golpes.

MG - As correções.

[E] - Tudo isso aí, dizemos que vamos fazer como os brasileiros, como os agudás.

MG - Como os agudás, é o estilo.

[E] - É isso.

MG - Porque, antes era muito simples ???<sup>17</sup> Então, os agudás, eles possuíam vestimentas europeias, ele se saudavam de certa forma ???<sup>18</sup>, eles tem vários aspectos da civilização, até hoje, a chave se diz “chave”, a cama se diz “cama”<sup>19</sup>. São coisas que os brasileiros trouxeram. A chave para abrir, a cama para dormir, etc. Como podemos reconhecer um brasileiro hoje? Dá para reconhecer?

[E] - Sim. Podemos reconhecê-los pelo comportamento deles no meio, pela sua educação, por sua forma de falar, sobretudo aos mais idosos, os velhos. Bom, pelas saudações. É isso que faz com que, pelo seu nome, porque nossa educação ela difere das outras educações. Por exemplo, eu pego um exemplo, entre os Gomes, nossa educação difere. E, também, quando constatamos uma falta, reprimimos imediatamente. Fazemos a criança perceber que aquilo que ela está fazendo naquele momento é ruim. Então, ela não pode recomeçar. Têm momentos, eu também fico nervoso, digo aos meus filhos, digo a forma como meus pais, meus avós me educaram: “- E eu, eu queria empregar da mesma maneira para educar vocês. Senão, vocês deixam minha casa”. Quer dizer, o pai é muito severo. Sendo que eu não sou tão bravo. “- É o futuro de vocês, vejam”. Aqui onde estou, tenho três filhos na França. Entretanto, se a pessoa não recebe uma boa educação antes de partir, será que eles poderão viver lá? Tem tudo isso, isso conta. Nós não somos maldosos, mas somos severos com as crianças. É isso. É, sobretudo, a forma de educar as crianças????<sup>20</sup>, o mal sendo reprimido imediatamente.

MG - Vejo que isso funciona sempre.

---

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> “la clef se dit *chav*, le lit se dit *cama*” – chave e cama estão escritos em português no manuscrito.

<sup>20</sup> Pontos de interrogação no manuscrito.

[E] - Sim, funciona.

MG - E vocês, vocês falam que língua além do francês? Porque eu sei que a língua da mãe conta bastante.

[E] - No iorubá<sup>21</sup> tem muitos termos em português. Manga. Então, o português não é a língua do trabalho, é o francês, todo o mundo.

MG - No conselho é o francês.

[E] - Francês e iorubá.

MG - O iorubá? E o gom<sup>22</sup>, porque vocês estão em Porto Novo...

[E] - É raro. Eu não sou de gom. É raro.

MG - Mas o (a) senhor (a) compreende. Porque você está em Porto Novo. Mas não é jamais uma língua da família. É interessante. As famílias brasileiras não gostam de falar o gom.

[E] - Eu tenho um documento do senhor Yordauon<sup>23</sup> lá onde ele marcou algumas datas memoráveis. Sob o reino de Sodji, que foi o rei de Porto Novo, de 1848, quer dizer, 8 de setembro de 1964, de Sodji, rei de Porto Novo. Foi em 1858 que marcaram aqui, o 28 de dezembro, Bandéru Paraíso = Aboubacar, se instala em Porto Novo. Essa data aí, é Agoudanou que fez. Ele disse, em 1858 (discussões) sua informação válida e fiável está na casa da nossa tia, em Salvador. Colocaremos, ele deixou Salvador tal dia, com tal barco. É preciso perguntar.

MG - Sim, sim, é verdade, encontramos isso na obra de Verger. E também nesse pequeno livro, ele não acerta a história dos Paraíso e eu acho que ele dá as datas. Eu, eu não sei de cor, evidentemente, porque minha cabeça serve para guardar coisas mais importantes, são momentos como esse que podemos escrever em um pedaço de papel. Eu não consigo me lembrar. Mas vou verificar essa data e informo a vocês precisamente, talvez imediatamente, com o livro do senhor François. Você pode ver o livro aí, as referências? Se chama Porto Novo cidade???<sup>24</sup> E do porvir pelo ???<sup>25</sup> Agoudanou. Então, eu quero ver essa data. 58...

[E] - Não é possível, porque nosso avô nasceu em 1849/

MG - Ignácio?

[E] - Ignácio nasceu em 1849.

---

<sup>21</sup> Os iorubás são um povo e uma língua da África Ocidental, e constituem um dos três maiores grupos étnicos da República da Nigéria. Espalham-se também na República do Benim até o Togo. O etnônimo iorubá designava originalmente apenas o povo de Oyó, mas hoje denomina vários subgrupos populacionais.

<sup>22</sup> Gum ou gun é o povo e a língua falada em Porto Novo.

<sup>23</sup> Caligrafia difícil, pode ser outro nome.

<sup>24</sup> Pontos de interrogação no manuscrito.

<sup>25</sup> Idem.

MG - Sim, mas Ignácio, quando o senhor Joseph chegou... Ignacio, ele não nasceu em Porto Novo.

[E] - Não, ele nasceu depois, em 1849.

MG - Ah, bom!

[E] - Sim, depois de 1849.

MG - Bom, vamos ver isso imediatamente aí. Eu para meu...

A querela da mesquita, tem a oposição entre Ignácio Paraíso e outras pessoas da comunidade muçulmana. E aí, também, tem datas. Isso eu tenho em casa, em Cotonu.

[E] - Ah, o senhor tem? Foi Paul Martin quem escreveu sobre o Islã, o Daomé.

MG - Aliás, é ele que eu não conheço.

[E] - Ah, pegue as referências.

MG - Ah, mas imediatamente. Eu posso ver, por favor?

[E] - Aí está, o avô. É a mesma foto que está aí.

MG - Sim, sim, eu conheço essa foto aí.

[E] - É uma foto datada de 1926. O livro data de 1926.

MG - Ah, é um livro muito bonito esse ???<sup>26</sup>

[E] - Pegue as referências. O senhor o tem em Paris.

MG - ???<sup>27</sup> Teroux, 1926. Sim, podemos encontrar na biblioteca ???<sup>28</sup>

[E] - Sim, pegue, tem uma fotocópia aqui na frente, ele vai pegar as referências.

MG - Ah, as referências são suficiente, porque depois eu recupero na biblioteca. Sim, eu pego, porque falando isso fica gravado. Eu queria, eu queria utilizar minha condição de historiador para pedir a palavra das mulheres. Temos o prazer de ter entre nós várias mulheres [da família] Paraíso e falamos da educação das crianças, falamos de transmissão de cultura, etc. E as damas podem falar e sabemos que elas cuidam das crianças. E vocês, madames, o que as senhoras têm a dizer sobre a educação das crianças.

[E] - É quase a mesma coisa.

MG - É quase a mesma coisa, mas dizem que os brasileiros são...

---

<sup>26</sup> Pontos de interrogação no manuscrito.

<sup>27</sup> Idem.

<sup>28</sup> Idem.

[E] - Eles são mais severos, eles são bravos. Eles não são bravos, eles são severos da maneira como eles educam as crianças. É isso que faz com que digam que eles são severos. Às vezes os prendemos com a corda, para bater neles. Às vezes é a palmatória somente. Às vezes os colocamos de castigo, as mãos nas costas. Às vezes, de joelhos. Mas nossos avós diziam sempre: “- Uma criança punida deve comer, não devemos colocar de dieta e punir, isso não entre nós”. Não fazemos isso entre nós, punir uma criança e o privar de comida. Senão, as crianças são bem vestidas, bem alimentadas, bem educadas, e, sobretudo, devem frequentar a escola. Não tem nenhuma criança entre os Paraíso que não frequentou a escola. Menino ou menina. E, em todas as escolas, as crianças brasileiras estão em numero superior. E eu, eu completo ainda, mesmo se você tem domésticos de pouca idade, eu tenho isso, e o diretor que ensinou Fataï, ele não é meu filho, hein, eles me deram [ele]: “- Bom, pegue isso”. E é uma criança que ficava passeando, e eu, eu o coloquei na escola. Hoje ele tornou-se grande, alguém, ele está em Abidjan. Eu soube, por esses tempos, que ele está na Nigéria. Ele até partiu para a Alemanha fazer um estágio de mecânica. Mesmo as crianças dos domésticos???<sup>29</sup>. Não são somente as crianças dos Paraíso. Eu, eu tive que fazê-lo. Eu tenho certeza que a maior parte aqui faz isso. O que muitos não entendem é que Ignácio Paraíso pediu, em 1902, de trazer uma escola aqui. E são os Paraíso que foram os primeiros servidores desse país.

MG - A primeira escola de Porto Novo foi em 1902.

[E] - Foi Ignácio que pediu para criar essa escola.

MG - Então, a primeira escola francesa no Daomé foi em?

[E] - Laica. Não é laica, é católica. (discussão) É em 1905, que teve a separação de... A primeira escola que teve, nós chamamos de escola das crianças de chefe.

MG - Ah, a escola das crianças de chefe.

[E] - (discussão) Foi depois que virou escola laica.

MG - O (a) senhor (a) disse escola das crianças de chefe, e eu pergunto o que quer dizer Ogoula, o bairro?

[E] - É o bairro dos grandes chefes. O governo está lá do lado.

MG - Ah, é o bairro dos brasileiros aí.

[E] - É.

MG - Mas eu pergunto se esse bairro tinha essa apelação antes da chegada dos franceses ou somente depois da instalação do governo. O que eu quero saber é se essa ideia dos grandes chefes está ligada ao fato de os brasileiros morarem lá ou do fato de o governo ficar próximo dali. Porque é difícil, eu quero me informar. Mas eu estava discutindo

---

<sup>29</sup> Idem.

(Adolphe)?<sup>30</sup>, uma coisa que me impressionou quando cheguei aqui no Benim, na África, depois que souberam que eu sou brasileiro, disseram assim: “Ah, o senhor é brasileiro? Nós gostamos dos brasileiros aqui”. E, pensando bem, eu disse: “- Vocês gostam dos brasileiros sim, as mulheres brasileiras são muito boas para se casar, se você se casa com uma mulher brasileira, pode estar certo que a casa vai funcionar”. O que quer dizer isso para vocês, mulheres Paraíso?

[E] - Efetivamente, eles não mentiram. Nós temos uma maneira de nos comportar com nossos maridos, o respeito total, a apresentação de uma mulher no pedestal<sup>31</sup>, o que faz com que as mulheres beninenses tenham medo de concorrer no lar com as mulheres brasileiras. Nós casamos com os beninenses, os beninenses de origem querem dar suas filhas ao mesmo tempo, os pais não se opõem, você nem pode se comparar com elas. Elas têm uma maneira de amolecer seus maridos. Então, você não tem a chance com as mulheres. A prova é que eu passei pelos mesmos problemas. (discussão e risos). A família Paraíso, por exemplo, nós somos totalmente diferentes das mulheres beninenses de origem. Nosso comportamento é diferente, nossas roupas. As pessoas me perguntam na Costa do Marfim, ontem mesmo, as pessoas me perguntam: “- Você é beninense?”. Você não tem a mesma estratégia que as mulheres suas compatriotas beninenses, você não tem a mesma forma, seu comportamento, o respeito, maneira de receber, ???<sup>32</sup>. Eu sou brasileira, mas instalada no Benim, tem uma nacionalidade beninense, senão, não sou de origem beninense. (Discussão). É que, realmente, elas disseram que é isso. Examinaram-me tanto, viram que não é a mesma [coisa]. Portanto, temos muitas coisas que não são iguais entre as mulheres de origem beninense.

MG - Muito bem. Você pensava em acrescentar alguma coisa, talvez?

[E] - Nossa maneira de cozinhar também difere das outras mulheres. É por isso que somos preferidas.

MG - No Brasil dizemos que o coração de um homem passa pelo estômago. Talvez seja verdade, não?

[E] - Sim.

MG - A senhora sabe que a culinária baiana é muito próxima da beninense?

[E] - ???<sup>33</sup>

[E] - Desde que eu voltei, tem pelo menos um *tanti*<sup>34</sup> que tem um estrangeiro na família, ?????<sup>35</sup>. Tudo isso faz parte da educação. Enquanto que, entre os outros, as pessoas não

---

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> No manuscrito em francês, a frase é: “la présentation d’une femme dans l’escalier”, mas supõe-se, na tradução, que “l’escalier”, escada, tenha o sentido de pedestal.

<sup>32</sup> Pontos de interrogação no manuscrito.

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> “Tanti” não é uma palavra francesa, mas se assemelha a “tante”, o que poderia ser um erro de transcrição.

<sup>35</sup> Pontos de interrogação no manuscrito.

se cumprimentam assim, elas ficam agachadas para cumprimentar. Mas nós não fazemos isso.

MG - Mas vocês cumprimentam com beijo.

[Entrevistada] - Nós fazemos *abessi*<sup>36</sup>.

MG - Isso não é francês, isso é brasileiro. Como a senhora diz?

[Entrevistada] - *Abessi*.

[Entrevistado] - Ah, eu vejo. E os velhos, a princípio, eu, por exemplo, diante de uma idosa, eu lhe beijo a mão, como uma grande dama, assim. Nós fazemos isso a nossas tias, nossas mães velhinhas em casa, beijamos as mãos. Primos, primas, cumprimentamos com beijos.

14.09.1995

---

Paraíso (Fim)

[E] - Falamos de Oganla.

MG - Sim, é Oganla.

[E] - Ele disse: Situado ao norte da comuna de Porto Novo, o bairro Oganla é o quarto bairro do primeiro *arrondissement*<sup>37</sup>. A história do nome de Oganla remete a duas fontes: esse bairro era a residência do governador que reinava sobre todo o país. Oganla em iorubá significa “chefe supremo”. Por outro lado, os primeiros ocupantes do bairro teriam sido os portugueses do nome de agudá e o uso teria consagrado Oganla na sequência. Em um ou outro caso, não sabemos nem a data de criação nem o fundador do bairro. Tudo o que sabemos é que os ingleses foram os primeiros a se instalar na região. Depois dos portugueses eles se instalaram. É o bairro dos *créoles* por excelência. Ele é limitado pela Avenida Ballot, a rua número 5 e a Avenida Gabriel, de uma parte, Cocoycà, Obàgare e Cachi de outro lado. É um bairro populoso.

MG - É isso.

[E] - Que compreende hoje os *créoles*, na maioria. Alguns Pédah e Mina, enfim, um pequeno número de gom e de iorubá<sup>38</sup>.

MG - Portanto, conceberam que os portugueses do nome agudá, isso quer dizer “os brasileiros”.

---

<sup>36</sup> “Abessi” não é uma palavra brasileira ou portuguesa, mas pode soar, com o sotaque africano como “um beijim”, um beijinho.

<sup>37</sup> Palavra francesa que significa subdivisão administrativa e territorial.

<sup>38</sup> Pédah, mina, gom e iorubá são grupos étnicos.

[E] - Sim.

MG - Que eles estão aí faz tempo, antes da chegada dos franceses.

[E] - Os agudás nesse momento aí eram os chefes.

MG - Sim, isso está claro. Tudo está em Porto Novo. Basta olhar a cidade para ver que é uma cidade brasileira, quê. A escultura, tudo isso, as casas, tudo isso. Sim, tem. Tem as bandeiras brasileiras em Porto Novo, em Cotonou. Tem uma coisa que é sempre delicada. Quando eu cheguei aqui, nas primeiras entrevistas que fiz com os retornados brasileiros, eram, sobretudo, jovens, E os jovens disseram: “Ah, porque na escola me chamam escravo e tudo isso. E há dois ou três dias mesmo, eu estava com um grupo de brasileiros. Tinha um menino Paraíso que eu conheci lá e ele tinha o nome Souza e vizinhos de Oganla. E tinha um outro menino que era beninense de Porto Novo, que não era brasileiro. Então eles começaram a discutir, blá blá blá, e, de repente, disseram: “Ah, mas você diz uma besteira, é uma coisa de elegância”. Um outro diz: “Não, não, é você que sempre tem histórias de clãs na cabeça”. Então eu conto uma anedota do que se passou, assim. E então, é uma expressão brasileira como falamos, é uma expressão afetuosa mesmo. Podemos dizer, pergunto a(o) senhor(a), essa situação dos ancestrais escravos ou não escravos existe ainda?

[E] - Sim, isso funciona sempre.

MG - Funciona.

[E] - Sempre nos chamam de escravos.

MG - Em que situações?

[E] - Na escola, na rua, no mercado, na cidade, em todo lugar, nos chamam de escravos.

MG - Até hoje?

[E] - Até hoje. Agudá escravo. Mas isso não diz nada, hein. Isso não nos atinge. Eu, eu estou num meio onde a cada vez me dizem: “Aí estão os escravos, os agudás”. Isso não nos machuca. Ao contrário, eu digo a eles: “É graça a nós que vocês são civilizados. É graça a nós que vocês comem mandioca, cana de açúcar”. Eu cito o coco.

MG - Não pode esquecer o sapoti.

[E] - Porque se você fica nervoso, eles vão achar que isso atinge você. E se você banaliza isso com eles, isso não quer dizer nada.

[E] - O sapotizeiro que tem na minha casa data de cem anos.

MG - Hum.

[E] - E está lá até hoje.

MG - Sim, ouvi falar disso. Em compensação, é também verdade que os brasileiros, eles são considerados pessoas evoluídas.

[E] - É isso.

MG - Eles trabalham bem, mesmo pelos beninenses sabemos que os brasileiros são bons quadros.

[E] - Sim.

MG - Eu repito as coisas que me dizem.

[E] - É isso. Papa se o senhor vê?

MG - Sim.

[E] - Preste atenção, o estatuto do escravo se alargou. E, bem, nós somos sempre considerados, as pessoas nos respeitam porque as belas casas construídas em Porto Novo são as casas dos brasileiros. Com o estilo, o estilo...

MG - É, é.

[E] - Portanto, as pessoas nos consideram, têm bastante respeito por nossas carreiras. Depois, porque foram eles [os agudás] que estiveram em contato direto com os europeus que chegaram. E eles são considerados. As pessoas dizem que nós somos escravos. Apesar disso têm uma consideração pela gente.

MG - E, portanto, vemos de uma só vez essa distância de vocês serem escravos e a consideração por toda a cultura que vocês trouxeram. Isso quer dizer que em uma camada mais instruída tem muita instrução, tem o reconhecimento e o respeito. E para o povinho vocês são pessoas importadas, não são beninenses. Isso dá que até hoje as crianças na escola vão contar, é verdade. A (o) senhor (a) quer acrescentar alguma coisa aí? A (O) senhor (a) tem um ar...

[E] - Por exemplo, nos países estrangeiros, normalmente somos mais considerados. Por exemplo, na Costa do Marfim, os Paraíso são sempre, nós estamos nos ministérios, a Presidência, em todo lugar, todos os escritórios. Mesmo no Gabão, no Congo, em Camarões, são os Paraíso.

MG - Oh, lá, lá. É preciso ver.

[E] - É a mesma base.

MG - Eles são considerados, os Paraíso.

[E] - Que seja na Costa do Marfim, no Congo, em Camarões, no Gabão, tudo isso aí é nossa camada. É por isso que eu dizia agora pouco, que se nós queremos ver as coisas, os Paraíso fazem metade de Cotonu.

MG - Ah, sim. Porque se você começa a fazer três filhos, se cada um faz cinco. E cinco...

[E] - Barbeiro Paraíso aí, ele tem quantos filhos? Ele tem sete ou oito meninos e meninas. Bom, o primeiro é Ignácio. Ignacio, nós te demos o número agora pouco, sete. Seu irmão, Fagai, seu irmãozinho Agogo, as mulheres, nem dá para falar, é muito.

MG - Sim, é verdade.

[E] - Graça à vigilância do nosso querido velho pai, estamos fazendo uma sorte de encontro geral, para saber quantos somos.

MG - Sim, é muito importante. O que vocês estão fazendo?

[E] - Uma carta familiar com sua foto, suas informações. Sobre cada carta colocamos o nome, enfim, titular e linhagem, sua linha, quer dizer. Esse é tal Paraíso.

MG - Isso é muito bom.

[E] - Foi instituído pelo nosso chefe de família, todos os Paraíso, filhos e netos devem ter uma carta familiar.

MG - Isso é muito importante. O (a) senhor (a) sabe, nossa grande família brasileira Souza, eles estão entronizando o oitavo Chachá.

[E] - Carta familiar, hein.

MG - Eu estava dizendo que os Souza vão entronizar o Chachá VIII. O chefe da família vai retomar o título de Chachá.

[E] - É a carta familiar. Tem dos Ferdinan, tem dos Théophile, tem dos Alphonse. Théophile e Alphonse voltaram. Théophile se instalou em Porto Novo. Alphonse se instalou na Costa do Marfim, e Ferdinan ficou na França, ele fez seu serviço militar. Ele teve um filho que chama Michel. Ele mesmo, Ferdinan, acabou na municipalidade francesa, ele foi eleito prefeito da cidade de Villemonble, na periferia parisiense. Ele era comandante das forças armadas francesas, seu filho terminou coronel. Ele era o primeiro comissário do bordo do Boaton Beauprais<sup>39</sup>. Ele veio, ele comandou a fragata Boaton Beauprais, ele tinha vindo do Congo. Nós estávamos no Congo, na época, com nosso pai. Temos uma foto de família. Não tenho o endereço exato dele. Ele se aposentou. Ele terminou coronel. Eu não sei se ele pôde ter o grau de general. Ele está na França. Ele mora numa ruela não longe do Arco do Triunfo, Boulevard Louagra.

MG - O (a) senhor (a) conhece bem a história da família, hein?

[E] - E, através da França, se o senhor pôde notar o Minitel, tem mais de 70 quadros Paraíso.

---

<sup>39</sup> A caligrafia está difícil, pode ser um nome parecido.

MG - Ah, vou ver isso.

[E] - E agora, as crianças das nossas tias e outras, tem perto de quatrocentos. Só na França.

MG - Só na França.

[E] - Só na França. Somos quase a população de descendentes do Sandero, pelo menos setecentos. O filho do tio Ronald, ele tem quatro na França. Quatro, só ele. Os quatro tem dois filhos, Ismael e ??<sup>40</sup>. Michel, ele não tem filhos. Todos nós estamos aqui, o primeiro doutor registrado cardiologista que trabalhou com o primeiro que abriu o coração do homem, o doutor Bernard, é seu irmão mais novo. O primeiro negro registrado em Cardiologia, ele é africano, ele está na África. Nós somos assim. Nas elites africanas, entre os políticos, se não tem um Paraíso lá dentro, não é verdade. Houphet Boigny que morreu recentemente, ele foi iniciado em política por um certo Paraíso. Ele chama seu filho, meu primo. Ele morreu na França em 1971. As pessoas nos conhecem, eles nos amam, de um lado tem a inveja um pouco em toda parte senhor.

MG - É isso.

[E] - Eu acrescento, tem precisões. E o grande irmão acaba de dizer, Albert Paraíso, ele foi um dos braços direitos do presidente Boigny. Em 1945, eles lutaram para ter a CGTFDA que<sup>41</sup> os artesãos na Costa do Marfim. E por seu intermédio, eu sou da Costa do Marfim, eu tenho atualmente minha carta nacional. Eu sou a presidente das mulheres, da União das Mulheres do PDCIFDA, do departamento da cidade da Costa do Marfim, onde estou atualmente.

MG - Você se chama Paraíso.

[E] - Essa é minha carta nacional Bédié. Atualmente é Bédié que está no poder. Como sou secretária geral da União das Mulheres do PDCIFDA.

MG - Partido Democrático da Costa do Marfim. A senhora está lá, portanto.

[E] - É. E às vezes somos nos meios os mais<sup>42</sup> e me chamam para ser a responsável dos sindicatos dos transportadores.

MG - Ah.

[E] - Do parque internacional. É verdade, hein!

[E] - Por favor, no Brasil, no Brasil, ou bem de onde vinha nosso avô Aboubacar Paraíso.

[E] - Parece que ele tinha dois filhos lá. Não há certeza, não é certo. Os Paraíso não deixam nunca seus descendentes em qualquer lugar, jamais.

---

<sup>40</sup> Pontos de interrogação no manuscrito.

<sup>41</sup> Idem.

<sup>42</sup> Idem.

MG - Ah.

[E] - O que estou dizendo, desculpe-me de dizer em iorubá. Eles voltaram a bordo do African Country ao Benim. Um homem que deixa um país, que parte, ele leva sua força com ele. É uma hipótese.

MG - O senhor sabe, desculpe-me, mas não retive seu nome.

DANIEL PARAÍSO - Daniel.

MG - Senhor Daniel Paraíso, o senhor sabe tem?<sup>43</sup> que há cinquenta anos tem relações com a família Paraíso sim?<sup>44</sup> não encontrou rastros dessas crianças aí. Eu acho que não tem, assim tem, tem, saiba eu [?] que é difícil. Eu, eu me deparo com minhas competências, ele mesmo, há cinquenta anos, com toda a amizade, a relação que ele tem com a família Paraíso, a reeducação?<sup>45</sup> ele não encontrou. Mas de qualquer forma podemos sempre olhar, podemos procurar os anuários e, o senhor sabe, tem muita gente no Brasil, hein. Nós somos cento e cinquenta milhões. É completamente?<sup>46</sup> É a segunda nação negra do planeta, a segunda população negra do mundo é a brasileira. A primeira é a Nigéria e depois é o Brasil, com oitenta milhões, que é um mundo de pessoas do tipo negro.

[E] - Do tipo negro?

MG - Porque tem eu, que sou um pouco negro, uma avó negra, uma bisavó que nasceu escrava, e eu sou branco, então eu não conto. Eu não tenho mais necessidade de olhar, vemos logo o traço negro, isso faz a metade da população. É, se vamos procurar no nível do bisavô, é quase noventa por cento.

[E] - Senhor Milton, me diga, no nível do fichário nacional, o que chamamos?<sup>47</sup> será que não podemos encontrar um rastro do passaporte que ele utilizou quando fazia tráfico de escravos?

[E] - François disse agora pouco que o professor?<sup>48</sup> tem muitos documentos sobre a família Paraíso.

MG - Sim, é verdade.

[E] - Eu quero que ele tenha uma via paralela. Berger guarda [?]<sup>49</sup> ou, por favor, enquanto que pesquisador e historiador?<sup>50</sup> que vai te reencontrar um dia e confrontar os documentos. Mas nesses dossiês, eu me surpreenderia se nós não estivéssemos. Mas se o senhor remonta até o Portugal, seria ainda melhor.

---

<sup>43</sup> Idem.

<sup>44</sup> Idem.

<sup>45</sup> Idem.

<sup>46</sup> Idem.

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> Idem.

<sup>49</sup> Caligrafia incompreensível.

<sup>50</sup> Ponto de exclamação no manuscrito.

MG - Sim, mas tem um problema aí. Eu concordo totalmente com o senhor. Mas olhe tudo o que concerne o tráfico foi primeiro cercado e encontrado. Depois o primeiro ministro de finanças do primeiro governo (negro) brasileiro, quando o tráfico foi abolido antes<sup>51</sup>, mas a escravidão foi abolida no Brasil em oitenta e oito, e alguns meses mais tarde estabeleceram a República, em oitenta e nove. Porém, o primeiro ministro da economia, que é aquele a quem tinham ligado ou cedido todos os documentos relativos aos escravos, porque o escravo era um bem, é um negócio econômico, e todos esses papéis eram ligados ao ministro da economia, que era ele mesmo mestiço. E, então, isso colocou um problema. O problema é que ele dizia: nós somos todos brasileiros, é preciso terminar com essa história. E tinha uma rede econômica muito importante que era?<sup>52</sup> brasileiro que possuía escravos [e ele tinha que] pagar dinheiro na mudança do tráfico de escravos. E então ele disse: “Eu queimo tudo, é preciso acabar com essa história de escravo”. Não temos rastros, antes, não queremos pagar, acabamos com essa história de escravo e queimamos tudo, então não tem mais registro de polícia. Bom, aqueles que encontraram o Coran<sup>53</sup>, não é essa sua força? Que estejamos a falar da origem de?<sup>54</sup> São os documentos de grandes famílias, de pessoas privadas, pequenos pedaços de papel assim, que não sabemos o que é e dizemos, é um livro de 1932, então não é um milagre. Então é preciso estudar um dia. Ele vai se juntar a outro papel, vai produzir uma mensagem. O que encontramos sobre o tempo da escravidão é um pedaço de papel assim e?<sup>55</sup> um livro. Por exemplo, tem uma historiadora em Salvador que tem uma lista de todos os barcos com todas as pessoas que retornaram à África e isso podemos saber exatamente o barco que o senhor Joseph Paraíso pegou. Porque a família que nasceu, o barco tinha parado o registro que tinha sido esquecido lá. Esse barco, as caixas de papéis, nós olhamos e opa! É um documento importante, o levamos para a universidade, mas é assim. Portanto, eu não acredito...

[E] - Todos os papéis.

MG - Não, todos os documentos oficiais foram queimados. O que encontramos são coisas privadas e então é difícil porque não estão concentrados. Então, para fazer pesquisas, já anos, anos, pegamos um pedaço de papel assim, acrescentamos outro pedaço de papel aqui, é assim que os historiadores, os antropólogos, eles escrevem uma parte [da história] e produzem. É assim que os historiadores do país de vocês podem saber encontrar. É por isso que eu estava dizendo que tudo me interessa, tudo me interessa.

[E] - Tudo.

MG - Tudo me interessa porque nosso trabalho é dizer, escrever a vida e a identidade do brasileiro hoje no Benim.

---

<sup>51</sup> Trecho confuso.

<sup>52</sup> Idem.

<sup>53</sup> Palavra não identificada.

<sup>54</sup> Ponto de interrogação no manuscrito.

<sup>55</sup> Idem.

[E] - No Benim.

MG - Eu vou mostrar para dar uma ideia, o valor da informação é importante. Por exemplo, o que é o brasileiro? Falaram da educação. Falaram da educação do brasileiro durante muito tempo coisas muito importante, que são as coisas mais visíveis da identidade brasileira. Mas a identidade brasileira se persegue no mercado também<sup>56</sup>. Quando dizemos agudá escravo, fazemos uma partilha. Mas tem aí um tipo de beninense, aí tem outro, e a identidade brasileira é rara. Tem alguns que dizem: “Ah, isso não incomoda, porque somos escravos que estiveram lá e se há civilização aqui é graça a nós”.

[E] - A nós.

MG - Aí está. Lá, lá, lá, falam que é a raça branca, são os negros, são os?<sup>57</sup> Então, é esse confronto que constitui no dia a dia a identidade. Tem também uma coisa que?<sup>58</sup> Por exemplo, no Benim, tem um Soglo casado com uma filha de Vieyra. Eu, eu ouvi o general Desiré Vieyra na sessão de encerramento do programa da rota dos escravos, em sua comunicação ele disse: “É insignificante que eu, filho de escravo que se chama Vieira, representando a República do Benim no encerramento desse programa da rota dos escravos”. Então, ele descobriu, assumiu a função de descendente de escravo. E quem é Soglo?

[E] - Seu genro.

MG - A família Soglo é a família dos chefes de guerra dos reis do Abomé, que há várias gerações venderam os Vieira, e hoje eles estão unidos. E então é por isso que eu acho que vocês são dos grandes os mais visíveis, da ponta do chefe social até o mercado, na escola, as partilhas, as gerações presentes jogam todos os bens. E é o (a) senhor (a) que deve me contar os?<sup>59</sup> Porque eu acabo de contar?<sup>60</sup>

[E] - O senhor parte quando?

MG - Amanhã, se eu soubesse que eu não podia rever...

[E] - Não, nós já comunicamos nosso endereço.

MG - Mas não está escrito, e depois sobre isso...

[E] - Mas eu me chamo Roberto. Porque eu tenho outros nomes e dois nomes de família. Como é muito grande, eu fiz escrever Roberto. Como é que o senhor sabe que me chamo Roberto? Procurando, descobrimos, quem procura, acha.

---

<sup>56</sup> “Mais l’identité brésilienne se poursuit au marché aussi”, frase sem sentido.

<sup>57</sup> Ponto de interrogação no manuscrito.

<sup>58</sup> Idem.

<sup>59</sup> Idem.

<sup>60</sup> Idem.

MG - Mas eu estou muito lisonjeado porque o senhor me ensinou os interesses, entre vocês, isso quer dizer que o senhor tem um bom professor.

[E] - Bom, o endereço que o senhor distribuiu há pouco é o endereço na França?

MG - Sim.

[E] - E quando o senhor deixar a França, como podemos encontrá-lo?

MG - Eu tenho um endereço permanente no Brasil. Minha casa não é?<sup>61</sup> O senhor tem razão. Vamos interromper isso... O senhor tem alguma recomendação?

[E] - Sim, sim. Eu queria dizer que para vocês, os brasileiros Paraíso de raiz podem ter relações com os nossos que estão lá. Nós queríamos que o senhor nos colocasse em relação com as famílias Paraíso, para que nós possamos procurar de qual mestre era nosso ancestral e que em face dessa foto que o senhor mostrou há pouco, nosso chefe de família, o venerável pai, o senhor diz sempre que nessa foto ele festejava seu octogésimo oitavo ano. É um fotógrafo funcionário da aposentaria que reatou com suas origens cortadas. Ah, e através das nossas investigações, nós queríamos saber se as pessoas têm, através do “boca à orelha”, lembrado o nome de Barbero, Ignácio, José Paraíso Aboubacar. Aboubacar ele pegou [esse nome depois], ele não é muçulmano. Lá o chamavam José Biguino<sup>62</sup>. Porque o capelão que o fez batizar lá se chamava José. Então, lhe deram o apelido de Biguino, que quer dizer pequeno José.

MG - Pequeno José. Sim, é cristão, é português.

[E] - Então, através dos livretos de catolicismo você pode, isso não se destrói jamais.

MG - Podemos encontrar. O (a) senhor (a) tem esse livrete aí, sabe a data, a igreja, tudo isso?

[E] - Não, justamente.

MG - A igreja, foi você que disse a igreja. É a igreja do Senhor.

[E] - Você tem uma camada.

MG - A igreja, a igreja, podemos encontrar quem o fez batizar.

[E] - Obrigado, e a partir daí, é preciso nos encontrar informações possíveis que nos permitam, a nós também de ter, de escrever nossa própria história, com a ajuda do senhor.

MG - Sim, mas na Bahia, não tem mais a família Paraíso. Porque eu procurei, fui ver Verger para isso. Ele me disse: “Não, não tem Paraíso por aqui. Aqui tem a família Da

---

<sup>61</sup> Idem.

<sup>62</sup> No manuscrito está anotado Biguino, mas pode ser “Menino”, ou “Pequeno”, pois adiante no texto há um tal Joseph Kékéno, que pode ser Pequeno.

Costa, Da Matha, mas não Paraíso”. Então, ele não encontrou. Então, talvez, que ele não colocou, ele mudou de nome. Porque se não tem menino, o nome é...

[E] - Tem Chiri onde tem Paraíso.

MG - Chiri.

[E] - Sim, Chiri, Vale do Paraíso.

MG - Espera, espera.

[E] - Na Argentina.

MG - Tem a cidade dos irmãos Paraíso no Chile e não na Argentina.

[E] - Sim, é isso!

MG - Isso não tem nada a ver com a família Paraíso do Brasil. Entendo, porque Paraíso, e não Paradis<sup>63</sup>, quer dizer paraíso. Então, tem muitas coisas que chamam paraíso. Mas não é a família Paraíso. Então, não tem a ver com a família. Se você quer procurar o certificado de batismo, e Joseph Pequeno, Paraíso Barbero, me ajude nos homens aí.

[E] - Sim, outra coisa que o senhor pode fazer. Nós vimos aqui vinho, vinho tinto que porta o nome de Paraíso. E meu primo que morreu, infelizmente ele está morto, ele viajou com homens de negócio Paraíso Imam, de nome Paraíso. No Brasil a capital é?

MG - É janeiro.

[E] - Janeiro, na lista telefônica tem pelo menos, pelo menos uma vintena de nomes Paraíso. O senhor pode questioná-los, quem sabe, se eles têm informações orais que dizem que os pais deles tiveram escravos de nome Paraíso. A partir dessas listas telefônicas, nos ajude. Nós pedimos para o senhor nos ajudar a ter uma relação, nosso chefe de família, nosso venerável pai, [que ele] possa contatar, entrar em contato com essas pessoas.

MG - Sim, claro. Não é uma questão de ajudar vocês. Isso faz parte do meu trabalho e eu acho isso interessante. Atualmente estou na França. Não posso perguntar a outras pessoas para procurar essas informações. Muito bem. Há coisas que perguntam e não estamos certos, mas, desde que eu chegar ao Brasil, no próximo ano, eu pessoalmente me interesso por isso, eu pretendo me estabelecer lá, vou procurar as famílias Paraíso nos listas telefônicas. Mas, tem outra coisa também, precisamos pensar que aqui a questão oral é mais forte do no Brasil, porque aqui as gerações têm quase cinquenta anos. Porque contamos os homens até a idade de?<sup>64</sup>, então, quando dizemos isso...

MG - Nosso avô disse isso há um século, um século para mais. Entre os homens, não entre as mulheres. As mulheres, contamos até vinte e cinco anos. Mas os homens,

---

<sup>63</sup> “Paradis”, em francês.

<sup>64</sup> Ponto de interrogação no manuscrito.

contamos às vezes até cinquenta anos. Porque tem homem que tem a idade de cinquenta anos e que tem um filho com essa idade. Você diz, meu avô ele nasceu há cento e cinquenta anos, então a história dos avós e dos netos, isso passa. Mas no Brasil, a história desses cento e cinquenta anos aí é a de seis gerações. Sim, porque se conta vinte e cinco anos [uma geração]. É como com as mulheres. Das mulheres você diz isso. Minha avó, sua avó, setenta e cinco anos, seu avô, mais de cento e cinquenta, porque sua mãe teve um filho com vinte e cinco anos, sua avó teve um filho com vinte e cinco anos, sua bisavó teve um filho com vinte e cinco anos. Então três gerações se sucederam. E os outros eram...?

[E] - Cento e cinquenta.

MG - Cento e cinquenta, então isso coloca um problema para a questão oral no Brasil. Quando Papa diz, eu o ouvi falar, ele fala de um século e meio. Mas vamos chegar lá. Então, já faz um momento que não dizemos mais nada. Eu, eu vou [?]<sup>65</sup> comigo, porque esse é o meu trabalho. Mas eu não quero cansar [o senhor ou a senhora]. Então eu agradeço pela entrevista. Você tem meu endereço. Eu gostaria muito de ter a sua [?]<sup>66</sup>.

[E] - Essa é uma de minhas cartas. Nós vamos te dar os endereços dos meus primos que estão na França, exatamente o chefe da família. O senhor poderá telefonar e entrar em contato com eles, enquanto isso e...

MG - Ah, sim.

[E] - Meu pai, Richard Paraíso, ele é muito informado, porque ele está na França faz mais de quarenta anos. Tem outro primo, Rachid Lawani, ele tem cinquenta anos. Os dois poderão dar informações para o senhor, sobre Michel Paraíso, o filho do comandante Paraíso. Richard está mais avançado, ele viveu com ele, tem suas coordenadas.

MG - Vou trabalhar antes de ir para lá.

[E] - Esse é um prato de peixe que nosso avô utilizou, esses são seus talheres. As peças que ele teve.

MG - De prata.

[E] - O senhor pode fotografar, se o senhor quiser. Agora, nós vamos tentar reunir tudo o que temos como relíquia. Veremos nossas primas, nossas tias, o que elas têm como relíquias.

MG - Sobretudo as fotos de objetos de cerâmica, de [?]<sup>67</sup> de arte, porque [?]<sup>68</sup>.

---

<sup>65</sup> Caligrafia incompreensível.

<sup>66</sup> Falta uma palavra nesse final de frase.

<sup>67</sup> Caligrafia incompreensível.

<sup>68</sup> Falta uma palavra aqui.

[E] - Nós vamos tentar encontrar vários documentos aqui. Se o senhor quiser que eu faça fotocópias disso, nós mandamos meu filho fotocopiar e trazer aqui, se isso interessa ao senhor.

MG - Ah, sim.

[E] - Ele tinha dois fuzis, ele os matriculou no mesmo dia, isso é [?] <sup>69</sup>.

MG - Ah, sim, em 1932. Ah, sim.

[E] - Em relação a seus filhos, a primeira escola laica aqui tinha sete alunos. Tenho um tio que teve o diploma de estudos primários [aí], Alphonse Paraíso. Tinha sete alunos. Papa conhece a lista dos sete alunos. Tinha o Hazoumè, Alphonse, Papa pode citar para o senhor o nome dos sete alunos. Primeiro aluno dessa escola lá.

MG - Queremos sempre o Papa.

[E] - Hazoumè, Alphonse, Ecafoumiri, o primeiro diplomado do Daomé foi Alphonse. E eu tenho seu diploma de estudos aqui, nos meus papéis.

MG - Sim, isso, eu disse ao senhor, isso que todos os detalhes me interessam. Eu não sou historiador de formação, eu trabalho mais no campo da antropologia. A história é a base de tudo isso. Então, vamos tentar. [?] <sup>70</sup> poderá ajudar hoje. Então, estou aqui, posso passar meu número de telefone. Eu estou à disposição do (a) senhor (a). Se você tem fotos antigas para discutir, ou mesmo sobre histórias de mercado, e Papa, se ele quer conversar um pouco, isso é o meu trabalho, é também um prazer. Eu também tenho a sorte de ter esse trabalho? <sup>71</sup> E para a foto, vamos fazer agora mesmo?

[E] - Sim.

MG - Então, eu paro essa máquina.

---

<sup>69</sup> Falta uma palavra aqui.

<sup>70</sup> Ponto de interrogação no manuscrito.

<sup>71</sup> Idem.